

Narrativas que nos constituem: a inserção da oralidade e saberes da cultura marajoara na formação escolar

Narratives that Constitute Us: the Inclusion of Orality and Knowledge of Marajoara Culture in School Education

Narrativas que nos constituyen: la inserción de la oralidad y los saberes de la cultura marajoara en la formación escolar

Sthefany Kyara Figueiredo Carvalho
Universidade Federal do Pará

Wanessa Silva Gomes
Universidade Federal do Pará
Soure-Brasil

Antônio Luís Parlandin dos Santos
Universidade Federal do Pará
Belém-Brasil

Resumo

Este estudo defende a integração das narrativas orais da cultura marajoara no currículo escolar, visando superar a desconexão entre o ensino tradicional e a realidade local. Através de oficinas pedagógicas com turmas do 9º ano em Soure-Pará, foram realizadas a produção de livretos autorais e um jogo lúdico (Roleta Marajoara). Os resultados mostraram que essas práticas ressignificam os saberes comunitários, fortalecem o engajamento discente e a identidade cultural. Conclui-se que a valorização contínua da oralidade no ambiente educacional promove uma aprendizagem mais significativa e afetiva, ancorada na vivência dos estudantes.

Palavras-chave: Educação; Literatura Oral; Identidade; Marajó.

Abstract

This study advocates for the integration of oral narratives from the Marajoara culture into the school curriculum, aiming to bridge the gap between traditional education and local reality. Through pedagogical workshops with 9th-grade classes in Soure, Pará, activities included producing authored booklets and a ludic game (Marajoara Roulette). The results demonstrated that these practices reframe community knowledge, strengthen student engagement, and cultural identity. It is concluded that the continuous valorization of orality in the educational environment promotes more meaningful and affective learning, anchored in the students' experiences.

Keywords: Education; Oral Literature; Identity; Marajó.

Resumen

Este estudio aboga por la integración de las narrativas orales de la cultura marajoara en el currículo escolar, con el objetivo de superar la desconexión entre la enseñanza tradicional y la realidad local. A través de talleres pedagógicos con clases de 9º grado en Soure, Pará, se realizaron la producción de folletos autoriales y un juego lúdico (Ruleta Marajoara). Los resultados mostraron que estas prácticas ressignifican los saberes comunitarios, fortalecen el compromiso discente y la identidad cultural. Se concluye que la valorización continua de la oralidad en el ambiente educativo promueve un aprendizaje más significativo y afectivo, anclado en la vivencia de los estudiantes.

Palabras-clave: Educación; Literatura Oral; Identidad; Marajó.

Introdução

Este trabalho parte da realidade vivida por nós, estudantes e filhas da cultura marajoara, e tem como finalidade refletir sobre a inserção da literatura local no ambiente educacional, com ênfase nas narrativas orais. A proposta nasce da constatação de que o espaço escolar, em geral, prioriza conteúdos programáticos e obras do cânone literário tradicional, frequentemente desconectados da realidade dos alunos. Essa desconexão é evidente quando observamos que os livros didáticos raramente abordam, as manifestações culturais do arquipélago do Marajó, tratando a diversidade regional de forma superficial ou estereotipada. Como consequência, o ensino torna-se limitado e distante da vivência do aluno, o que compromete seu senso de pertencimento e identidade cultural.

Diante disso, defendemos a importância de integrar de forma contínua e significativa a literatura local ao cotidiano escolar, indo além de eventos pontuais ou datas comemorativas. Acreditamos que cada comunidade carrega saberes que merecem ser legitimados como formas válidas de conhecimento. No caso da cultura marajoara, as narrativas orais compõem um repertório afetivo e pedagógico de valor inestimável. Elas refletem modos de ser, pensar e viver que são aprendidos desde a infância, no convívio com avós, tios, vizinhos e outros membros da comunidade. Sentar-se para ouvir essas histórias é, para nós, um gesto cotidiano de aprendizagem e compartilhamento de valores, tradições e crenças.

Crescemos ouvindo essas narrativas pelas vozes familiares que nos cercavam. Essas histórias despertavam em nós entusiasmo e encantamento, capturando nossa atenção e criando laços entre quem contava e quem ouvia. A escuta atenta, o silêncio respeitoso e os olhares curiosos compunham o ritual de compartilhamento desses saberes,

que sempre fizeram parte do nosso cotidiano. São memórias que nos constituem enquanto sujeitos e que moldam nossa identidade marajoara. No entanto, ao ingressarmos na educação formal, percebemos que essas experiências são, muitas vezes, desconsideradas pelo currículo escolar, restringindo-se a momentos isolados e simbólicos.

Diante dessa realidade, nosso trabalho tem como objetivo valorizar a cultura local, promovendo uma educação mais significativa e conectada com a vivência dos alunos. Por meio de práticas pedagógicas que dialogam com os saberes da comunidade, buscamos fortalecer o vínculo entre cultura, memória e aprendizagem. Propomos, assim, a inserção das narrativas orais marajoaras no ambiente educacional como instrumento de construção da identidade cultural e de reconhecimento da diversidade.

Para isso, desenvolvemos oficinas pedagógicas baseadas na escuta ativa, na produção de livretos e na criação do jogo educativo “Roleta Marajoara”. Essas ações foram pensadas como formas de integrar os saberes tradicionais ao espaço escolar, reconhecendo os estudantes como protagonistas na construção coletiva do conhecimento.

Fundamentação Teórica

Compreende-se por literatura local toda produção que reflete as realidades, vivências e perspectivas de uma determinada comunidade, essas obras são marcadas por tradições, crenças, valores e costumes, revelando a identidade cultural de um povo. Muitas dessas narrativas têm origem na oralidade, sendo posteriormente registradas pela escrita e compartilhadas de geração em geração.

Nesse sentido, ao refletir as vivências de uma comunidade, a literatura torna-se também um espaço de pertencimento. É nesse contexto que a leitura e a escrita literária ganham relevância, essa perspectiva é reforçada por Cosson (2014, p. 17) ao afirmar que “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada e um conhecimento a ser reelaborado.

Diante da afirmativa, compreendemos o papel da ressignificação da literatura local, especialmente quando ela articula com as realidades vividas pelo sujeito. Nesse contexto as narrativas dialogam diretamente com o seu lugar de origem, vivências e memórias e, desse modo, torna-se possível compreender a importância de implementar estratégias pedagógicas que valorizem o repertório cultural. No entanto, apesar dessa importância, observa-se que a literatura regional enfrenta inúmeros desafios para ser inserida no contexto educacional.

Essa problemática se intensifica diante de práticas pedagógicas que em sua maioria utilizam produções literárias pertencentes ao cânone dominante, tanto em nível nacional quanto internacional. Como resultado, a literatura local permanece à margem, pouco explorada nos espaços educativos e nos materiais didáticos.

Nesse cenário, observa-se o fortalecimento de uma perspectiva valorativo-depreciativa em relação às literaturas regionais, como destaca Arendt (2015, p. 118), ao dizer que “nascido nesse contexto, o aspecto valorativo-depreciativo deitou raízes na crítica e na história literária, fixando o estereótipo da inferioridade às criações regionais e às literaturas circunscritas [...]”.

A desvalorização dos autores regionais reflete-se na ausência de suas obras nas práticas escolares, marcada pela falta de reconhecimento, de prestígio e de incentivo. Além disso, a carência de formação docente voltada à valorização dos saberes locais contribui para o distanciamento dos alunos de produções literárias que dialogam com suas próprias identidades e vivências culturais.

A oralidade, especialmente nas culturas tradicionais, constitui um modo essencial de expressão e transmissão de saberes. Muito além de uma simples forma de comunicação, ela está ligada à construção do pensamento e à preservação da memória coletiva.

De acordo com Ong (1988, p. 44), nas culturas orais, o pensamento não se desenvolve de forma isolada, estando diretamente vinculado ao ato comunicativo, já que depende da interação com o outro para se constituir. Esse aspecto evidencia a importância da presença do interlocutor e das estratégias orais que garantem a fixação e a circulação do conhecimento, reafirmando a oralidade como um elemento estruturante das identidades culturais e das práticas educativas em contextos populares.

Nesta perspectiva, Freire (2010, p. 95) destaca que a literatura tem um papel importante na formação da identidade cultural, pois ela só pode ser entendida dentro de um tempo e espaço específicos, refletindo as vivências e saberes de cada grupo social. Nesse sentido ao considerar que a literatura expressa vivências e saberes de cada grupo social, torna-se essencial compreender a cultura como um processo dinâmico e partilhado, onde a memória é coletiva e preserva tradições antigas, mas está sempre mudando, pois se adapta ao tempo e às novas situações, garantindo que os costumes e saberes populares continuem vivos (Cascudo, apud Sales, 2007, p. 23).

Dessa forma, a tradição não se encerra no passado, mas se reinventa no presente, sendo continuamente reconstruída pelos sujeitos que compõem esses grupos sociais. A

escola pode contribuir com esse processo ao se tornar um espaço de pertencimento e resistência cultural, valorizando a cultura da comunidade em que está inserida, além disso, incluir nas práticas pedagógicas elementos como lendas, mitos, histórias orais e produções locais permite que os alunos se reconheçam nos conteúdos, fortalecendo sua identidade e despertando o interesse pela própria história. Assim, o ambiente educacional se transforma em um espaço mais significativo, acolhedor e comprometido com a valorização da diversidade e das raízes culturais de seus estudantes.

Metodologia

O processo metodológico se constituiu da seguinte forma. A oficina foi desenvolvida como base na pesquisa qualitativa de intervenção pedagógica, no qual possibilitou abordar as narrativas orais por meio de práticas que estimulam a preservação da literatura local. A estratégia adotada se justifica pela necessidade de valorizar os saberes da comunidade.

A proposta metodológica foi desenvolvida a partir da realização de oficinas educativas em duas instituições escolares, localizadas no município de Soure no arquipélago do Marajó: a escola Dom Alonso e a escola Prof.^o Gasparino Batista da Silva. Ambas as ações foram direcionadas a turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, com estudantes na faixa etária de 14 e 15 anos. A atividade teve como objetivo promover a valorização das narrativas orais da região de Soure, a partir da escuta, ressignificação e registro dessas histórias em livretos autorais produzidos pelos próprios alunos.

Na escola Dom Alonso, a oficina denominada “Lendas Vivas: histórias que ecoam em livretos”, iniciou-se com uma apresentação introdutória, utilizando material impresso, na qual foram explicadas as atividades que seriam desenvolvidas ao longo do projeto. Em seguida, foi feita uma introdução teórica sobre os conceitos e a estrutura da narrativa, destacando seus principais elementos: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho. Para ilustrar a abordagem, foi realizada a leitura da história “A Pedra da Estiva”, do autor local Márcio Vitelli, cujo texto serviu como base para a identificação e compreensão da organização estrutural de uma narrativa.

Após esse momento expositivo, foi promovido um diálogo com os estudantes, no qual se buscou verificar o conhecimento prévio sobre os gêneros narrativos e a distinção entre mitos e lendas, e o contato com histórias regionais. Os alunos demonstraram familiaridade com esse tipo de narrativa, relatando experiências de escuta dessas histórias no convívio familiar e comunitário.

Na sequência, foi aplicado um questionário diagnóstico, com o intuito de avaliar o conhecimento dos participantes sobre as narrativas orais, posteriormente, os alunos foram organizados em grupos e participaram de um sorteio de lendas, que determinou o tema que cada grupo abordaria em seu livreto. A partir disso, os estudantes receberam a orientação de realizar entrevistas com membros da comunidade, com o objetivo de coletar versões orais da lenda sorteada, resgatando, assim, a oralidade tradicional do município.

No encontro seguinte, os alunos retornaram com os resultados de suas pesquisas e compartilharam, de forma espontânea, as histórias coletadas. Dentre os relatos, destacaram-se narrativas como a da Mãe do Fogo, experiências misteriosas associadas à Matinta Pereira, além de menções ao Boto e Mulher Cheirosa, entre os relatos apresentados um dos alunos compartilhou uma versão até então desconhecida da lenda do Toco, ampliando a compreensão sobre as múltiplas formas de compartilhamento oral presentes na comunidade. O entusiasmo demonstrado pelos estudantes ao relatarem essas vivências demonstrou a força da oralidade no cotidiano e seu papel na preservação da memória e da identidade cultural local.

Em seguida, iniciou-se a etapa de produção dos livretos, com base nas informações coletadas e na estrutura narrativa estudada, os grupos redigiram os textos das lendas, cuidando da organização textual e da coerência com a versão oral recolhida. Além da escrita, os alunos foram responsáveis pela ilustração das capas dos livretos, representando visualmente a temática de cada lenda. Durante esse processo, foram utilizados materiais como papel A4 para rascunhos, papel VG para a versão definitiva, lápis de cor, canetinhas, canetas e imagens impressas como apoio à criação das ilustrações.

A mediação da escrita foi realizada pelos organizadores da oficina, que acompanharam os grupos, oferecendo orientações, sugestões e correções ao longo do processo. A condução da atividade revelou-se eficaz, especialmente pelo fato de as narrativas trabalhadas fazerem parte do repertório cultural dos próprios alunos, o que favoreceu o engajamento e a participação ativa durante toda a oficina.

Na escola Profº Gasparino Batista da Silva, a intervenção ocorreu por meio da oficina intitulada Aprendizado Lúdico com Roleta Marajoara: Descobrindo Saberes da Cultura Local de forma Interativa, que consistiu em um jogo educativo elaborado com base em lendas e personagens do imaginário popular de Soure.

A atividade desenvolvida foi uma oficina pedagógica com foco nas narrativas orais da região, organizada em torno do jogo Roleta Marajoara, criado como recurso

lúdico para estimular o interesse dos alunos pelas lendas e casos tradicionais da comunidade. A escolha por essa estratégia deve-se à compreensão de que a ludicidade, aliada ao conteúdo cultural, favorece a escuta ativa, a participação espontânea e o fortalecimento dos vínculos identitários dos sujeitos com sua realidade sociocultural.

A oficina foi estruturada em duas etapas principais. Inicialmente, foi realizada uma exposição teórica, com o uso de slides, abordando conceitos fundamentais sobre narrativas orais, mitos, lendas e casos, com destaque para seu papel na formação da identidade cultural e na preservação da memória coletiva. Em seguida, foi feita a leitura coletiva de trechos do livro “Lendas e Visagens de Soure”, utilizados como base para ampliar o repertório dos alunos sobre as lendas da região.

Após essa etapa, promoveu-se uma roda de conversa com os estudantes, com o objetivo de estimular o compartilhamento de experiências pessoais ligadas às lendas locais. Durante esse momento, surgiram relatos espontâneos envolvendo figuras como a lenda do Pretinho da Bacabeira, vivenciada pelo avô de um aluno, Matinta Pereira e uma nova história envolvendo uma galinha de caráter místico que aparecia à meia-noite, enriquecendo o acervo de histórias orais exploradas na atividade. Esses relatos reforçaram a vivência concreta dos alunos com esse patrimônio oral e indicaram sua presença ativa na comunidade.

Na sequência, foi aplicado um questionário diagnóstico, com o intuito de identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre as narrativas orais, bem como sua familiaridade com as histórias da cultura local, as informações coletadas auxiliaram na análise da efetividade da oficina e no planejamento da dinâmica seguinte.

A segunda etapa da atividade consistiu na aplicação do jogo Roleta Marajoara, composto por desafios relacionados às lendas da região. A roleta incluía categorias como: “Complete a frase”, “Desenhe a lenda”, “Mímica”, “Charada”, “Conte a lenda” e “Quem sou eu?”, entre outras. Os alunos foram divididos em dois grupos e participaram de forma ativa e colaborativa, demonstrando envolvimento e interesse ao longo das rodadas, a proposta buscou desenvolver a oralidade, a criatividade, a memória e a cooperação por meio de uma abordagem lúdica e significativa.

Foram utilizados materiais como papel A4, cartolina, lápis de cor, canetinhas, imagens impressas para ilustração, notebook, o livro de Márcio Vitelli e um projetor multimídia, além da própria roleta artesanal, confeccionada em cartolina e papelão com divisões temáticas.

Para a obtenção das informações, foram utilizados diferentes instrumentos de registro e acompanhamento das atividades. Em ambas as oficinas, a coleta foi iniciada com a aplicação de um questionário diagnóstico, elaborado com questões de múltiplas escolhas e discursivas, com o objetivo de investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as narrativas orais da região, suas experiências com essas histórias e a relação com o imaginário popular local. Esses questionários possibilitaram compreender o grau de familiaridade dos participantes com os temas abordados e ofereceram subsídios para o planejamento pedagógico das intervenções.

Durante o desenvolvimento das oficinas, a equipe organizadora realizou observações sistemáticas e participativas, utilizando um diário de campo para o registro de aspectos relevantes do processo, como o nível de engajamento dos estudantes, a espontaneidade das falas, a interação entre os participantes, as formas de expressão oral e escrita, além de episódios que revelaram vínculos afetivos e culturais com os conteúdos trabalhados. As anotações foram feitas em tempo real, por meio de um roteiro de observação previamente estruturado, o que possibilitou a coleta de dados consistentes para análise posterior.

Além disso, foram realizados registros fotográficos, com autorização da direção escolar, que documentaram momentos-chave das oficinas, como as rodas de conversa, a construção dos livretos, as atividades da roleta e as interações entre os alunos. Esses registros contribuíram para a análise do ambiente de aprendizagem, das dinâmicas de grupo e da materialização dos saberes em forma textual e artística.

Na oficina da Roleta Marajoara, a coleta também incluiu a análise das respostas orais e visuais dos desafios propostos durante o jogo, cada grupo teve sua produção observada e descrita, especialmente no que se refere à capacidade de narrar, interpretar ou representar as lendas de forma criativa. Já na oficina de produção de livretos, foi realizada a coleta dos materiais produzidos pelos alunos, como rascunhos, textos finais, capas ilustradas e trechos escritos em grupo, esses registros serviram de base para a condução da pesquisa, permitindo a análise do processo de reconstrução das narrativas orais em linguagem escrita.

Os dados obtidos por meio dos questionários, das observações registradas em cadernos de anotações, das produções dos alunos e dos registros fotográficos foi organizado em categorias analíticas para subsidiar a interpretação dos resultados. A análise qualitativa considerou elementos como envolvimento afetivo com as narrativas, expressividade oral e escrita, ressignificação cultural e práticas colaborativas, buscando

compreender os efeitos pedagógicos da inserção da oralidade e da ludicidade no contexto escolar.

Resultados e Discussão

A oficina “Lendas Vivas: histórias que ecoam em livretos”, foi desenvolvida na instituição educacional Dom Alonso, experiência muito marcante e significativa para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental II. Desde a etapa inicial a proposta despertou o interesse dos alunos, que acolheram com receptividade e participaram de forma ativa e entusiasmada, percebemos também que o envolvimento dos estudantes se deveu à novidade, uma vez que a proposta apresentou uma abordagem didática que fugia ao padrão das aulas do cotidiano escolar.

Além disso, o contato com as lendas criou um espaço legítimo de partilha e escuta em que os alunos tiveram a possibilidade de reconhecer os valores e saberes compartilhados por pais, avós e membros da comunidade. Esse reconhecimento despertou não apenas o envolvimento emocional, mas também uma motivação de registrar e compartilhar essas histórias com outros colegas. Mediante as narrativas abordadas, as lendas do Boto, o Toco, Matinta Pereira e da Cobra Grande do Sossego, destacaram-se de forma mais evidente, essas histórias apareceram com mais força na fala dos estudantes, por serem as mais frequentemente narradas em nossa região, reforçando assim a presença simbólica na vida local.

Durante o processo de coleta das lendas, os alunos relataram as histórias de forma espontânea, demonstrando participação afetiva com as narrativas. Ao realizarem as entrevistas com membros da comunidade, sentiram-se parte dessas histórias, pois perceberam que, ao serem valorizadas no ambiente escolar, essas narrativas ganharam novos significados.

A valorização dos saberes locais despertou nos estudantes um sentimento de pertencimento e orgulho, o que se refletiu na forma rica e detalhada com que compartilhavam os relatos, muitos deles vivenciados ou presenciados por familiares e pessoas próximas da comunidade. Esse movimento permitiu que os alunos reconhecessem as narrativas orais como formas legítimas de conhecimento, que vão além do senso comum e que podem, sim, ser integradas ao ambiente educacional como conteúdo curricular. Além disso, os estudantes demonstraram respeito ao ouvir as histórias coletadas, preservando as falas e compreendendo a importância da escuta e da conexão entre gerações, fortalecendo os laços entre escola, cultura e comunidade.

A retextualização das lendas em formato de livretos foi realizada com dedicação, criatividade e responsabilidade pelos estudantes envolvidos. Esse momento representou uma etapa fundamental da proposta pedagógica, pois permitiu que os alunos passassem de ouvintes das narrativas orais para autores de suas próprias versões escritas, exercitando habilidades essenciais de leitura, escrita e interpretação. A esse respeito, Paul Zumthor (1993, p. 35) afirma que “a oralidade está presente não só na fala, mas também nos textos que carregam marcas da voz. O autor chama isso de ‘índice de oralidade’, ou seja, sinais que mostram que o texto já foi dito em voz alta e lembrado por algumas pessoas antes de ser escrito. Isso mostra que a oralidade continua viva mesmo quando a palavra é registrada, reforçando a ligação entre memória, voz e cultura”. Essa reflexão se faz presente na forma como os alunos transcrevem as histórias, mesmo adaptadas ao texto escrito, preservam traços da oralidade original ouvidas nas entrevistas e conversas com a comunidade.

Durante esse processo, os alunos demonstraram bastante empenho em transformar aquilo que escutaram, por vezes carregado de oralidade e linguagem informal, em textos escritos coerentes, respeitando a estrutura narrativa tradicional que haviam aprendido nas atividades iniciais da oficina, como a presença de introdução, desenvolvimento e desfecho. Essa transposição exigiu não apenas atenção aos detalhes das histórias, mas também um exercício de reflexão, adaptação e autoria.

Foi necessário que os estudantes organizassem as informações, construíssem frases claras e adequadas e adaptassem a versão oral para o formato escrito. Esse trabalho reforçou a importância da escuta ativa, da valorização da memória local e do respeito às versões populares das lendas, ao mesmo tempo em que estimulou a autonomia criativa de cada grupo.

Além do conteúdo textual, o trabalho com ilustrações desempenhou um papel importante, pois os alunos foram estimulados a representarem visualmente os personagens, os cenários, assim como os momentos marcantes das lendas. Essa tradução visual possibilitou aos estudantes vivências mais afetivas e concretas do conteúdo, despertando o interesse pela cultura local de maneira significativa.

Por fim, a produção dos livretos se consolidou como um exercício de autoria e pertencimento, cada grupo de estudantes pôde ver sua contribuição registrada em um material autoral onde os seus colegas e a professora regente, puderam ver o resultado concluído, reforçando a importância dessas narrativas e que devem ser preservadas e podem ser compartilhadas por meio da linguagem escrita e artística.

Já a oficina “Aprendizado Lúdico com Roleta Marajoara: descobrindo saberes da cultura local de forma interativa” foi desenvolvida na escola Profº Gasparino Batista da Silva, com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental II. Essa prática pedagógica tem como finalidade aliar a valorização da cultura local e oralidade de forma interativa.

Ao longo da atividade, foi possível perceber a curiosidade dos estudantes em relação ao funcionamento do jogo da roleta marajoara. A proposta de dividir a turma em grupos e introduzir uma dinâmica competitiva foi recebida de forma positiva, sendo considerada pelos alunos como algo divertido e desafiador. No início, alguns estudantes demonstraram timidez e hesitaram em participar, mas, à medida que a atividade avançava, todos se envolveram ativamente. Cada integrante contribuiu com sua equipe, seja girando a roleta, seja respondendo às perguntas propostas.

Um exemplo marcante foi o de uma aluna que não era natural de Soure e, por isso, desconhecia as narrativas locais. Ainda assim, ela se propôs a participar com seu grupo, mostrando-se interessada e colaborativa. Mesmo sem ter conhecimento prévio sobre a cultura e a tradição oral do município, ela se integrou à atividade ao ouvir com atenção os colegas e contribuir nas discussões e nas respostas do grupo.

Ficou evidente que a abordagem didática adotada favoreceu o engajamento dos alunos, que participaram com entusiasmo e sem encarar a atividade como uma obrigação maçante. Pelo contrário, aguardavam com expectativa a vez de sua equipe jogar, o que reforça o sucesso da proposta pedagógica e seu potencial em promover o aprendizado de forma lúdica e significativa.

A proposta lúdica não apenas despertou o interesse dos estudantes, como também favoreceu uma aprendizagem significativa sobre as lendas e as personagens do imaginário marajoara. Ao exercitarem a oralidade durante todo o processo da oficina, os alunos puderam compartilhar suas próprias versões das narrativas com os colegas, promovendo uma troca rica de saberes. Nesse contexto, ensinaram e aprenderam uns com os outros, compreendendo que uma mesma história pode ter diversas vertentes, por fazerem parte da cultura e da tradição local, essas narrativas foram contadas com espontaneidade, sendo tratadas não como algo pequeno, mas como legítimas expressões da realidade e da comunicação comunitária.

De acordo com Vovelle, apud Sales (2007, p. 73), a permanência de lendas e mitos no cotidiano das pessoas representa um verdadeiro tesouro da identidade cultural. Essas manifestações compõem a memória coletiva e são vistas como expressões autênticas e preciosas para o povo. Ao estudar o folclore, valoriza-se a consciência dessas heranças

como algo positivo, funcionando como uma forma de proteção contra o esquecimento e a ameaça à cultura tradicional. Essa perspectiva reforça a importância de práticas pedagógicas como a oficina roleta marajoara, que contribuem para preservar e transmitir esses saberes, por se tratar de um jogo com diferentes formatos interativos, os alunos puderam assimilar o conteúdo de forma criativa e dinâmica. Foram convidados a contar lendas, dramatizar cenas, representar personagens por meio de desenhos e resolver enigmas relacionados às narrativas orais de Soure. Na etapa “Conte a Lenda”, por exemplo, a dramatização e a criatividade se destacaram, evidenciando que os conhecimentos estavam sendo ressignificados e apropriados pelos estudantes. Ainda nessa fase, surgiram produções visuais que, mesmo sem traços técnicos elaborados, revelaram o esforço, a dedicação e o envolvimento dos participantes.

Na etapa da mímica, a colaboração entre os grupos foi essencial. Por meio da criatividade, concentração e imaginação, um integrante representava corporalmente uma lenda e os demais colegas da equipe precisavam identificá-la corretamente para conquistar pontos. Essa dinâmica reforçou o espírito coletivo, além de estimular diferentes formas de expressão e interpretação das tradições locais.

Durante a realização da oficina, foi possível observar uma significativa mudança de percepção por parte dos alunos, a atividade se mostrou extremamente proveitosa, principalmente porque a temática proposta, as narrativas orais, está diretamente ligada à realidade cotidiana dos participantes. Isso fez com que os estudantes se sentissem incluídos no processo, reconhecendo que suas vivências e conhecimentos prévios eram essenciais para a construção coletiva da oficina.

Ao compartilharem oralmente as histórias que conheciam, demonstraram espontaneidade e segurança, sem receio de estarem “errados”, essa liberdade de expressão só foi possível porque o conteúdo abordado fazia parte de seu universo cultural, ao contrário de temas distantes de suas experiências pessoais. A escuta ativa dos colegas e o respeito às falas fortaleceram o ambiente de pertencimento.

Outro aspecto importante foi o despertar da consciência sobre o valor dessas narrativas transmitidas dentro de casa, por meio de pais, avós, tios ou vizinhos, os alunos perceberam que essas histórias, antes vistas apenas como parte do cotidiano familiar, possuem um importante papel cultural e educativo. Reconheceram que essas memórias orais devem ser preservadas, valorizadas e, sobretudo, inseridas no contexto escolar, para que continuem sendo transmitidas de geração em geração.

O lúdico se diferencia das metodologias tradicionais por romper com as barreiras das práticas educativas convencionais, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais acessível, dinâmico e significativo. Nessa abordagem, os alunos assumem um papel protagonista, sendo fundamentais para o desenvolvimento da atividade proposta, mais do que simples participantes, tornam-se mediadores entre o ambiente escolar e os saberes da cultura local, promovendo um diálogo mais íntimo com os conhecimentos presentes em suas vivências.

A oficina foi pensada como uma alternativa às aulas tradicionais, geralmente marcadas por práticas mecânicas como copiar conteúdos, responder individualmente a atividades e seguir um modelo centrado no professor. Em contraste, a proposta lúdica exemplificada pela dinâmica da roleta, oferece múltiplas possibilidades de participação ativa, permitindo que os estudantes colaborem entre si, compartilhem experiências e construam o conhecimento a partir das próprias realidades, ao buscar nas memórias e no cotidiano elementos para interagir com a atividade, o aluno torna-se agente do próprio aprendizado, vivenciando um processo educativo mais autêntico, criativo e conectado à sua identidade cultural.

Considerações Finais

A realização das oficinas “Lendas Vivas: histórias que ecoam em livretos” e “Aprendizado Lúdico com Roleta Marajoara: descobrindo saberes da cultura local de forma interativa” revelou-se uma experiência profundamente transformadora, não apenas para os alunos, mas também para nós, ministrantes. Ao adentrarmos o ambiente escolar com a proposta de valorizar as narrativas orais marajoaras, fomos desafiadas a repensar a forma como a cultura local é percebida, tratada e inserida no contexto educativo.

Desde o início, sabíamos que nosso objetivo era integrar a oralidade e a literatura local ao cotidiano escolar de forma significativa, aproximando o conteúdo curricular das vivências culturais dos estudantes, e esse propósito foi plenamente alcançado, os relatos espontâneos, a produção criativa dos livretos, a participação ativa nas rodas de conversa e no jogo da roleta evidenciaram o quanto os alunos se sentiram representados e valorizados. Ao reconhecerem suas próprias histórias, contadas por familiares e membros da comunidade, como parte legítima do saber escolar, perceberam-se como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Para nós, enquanto organizadoras da proposta, o projeto também proporcionou um importante amadurecimento pedagógico e cultural, entendemos, na prática, que a escola não precisa ser um espaço alheio à realidade local, pelo contrário, ela pode

funcionar como ponte entre os saberes. Ao ouvir os estudantes narrando histórias que aprenderam com seus familiares e a comunidade, ao vê-los ilustrarem suas lendas com entusiasmo e orgulho, compreendemos que o conhecimento escolar ganha força quando se anora na vivência.

Além disso, a metodologia adotada pautada na escuta ativa, na ludicidade, na produção coletiva e no respeito à oralidade, demonstrou ser eficaz para fortalecer a identidade cultural dos alunos, desenvolver habilidades comunicativas e ampliar o repertório literário a partir de referências próximas e familiares. A transposição das histórias orais para o formato escrito e visual, como nos livretos e no jogo da roleta, consolidou um processo pedagógico que integra criatividade, interação e aprendizagem.

Esse trabalho pode, portanto, inspirar outros professores e estudantes a olharem para suas comunidades com mais sensibilidade e interesse, percebendo o quanto a cultura local pode ser uma aliada na construção de uma educação mais significativa, afetiva e transformadora. A valorização das narrativas orais não deve ser restrita a eventos pontuais ou datas comemorativas, mas sim incorporada ao currículo, com temáticas socioculturais.

Reafirmamos, assim, a necessidade de dar continuidade a esse tipo de proposta. Sugerimos que as escolas criem projetos permanentes de valorização da oralidade e da literatura local, promovendo feiras culturais, rodas de contação de histórias e concursos de livretos. Além disso, a pesquisa acadêmica pode seguir explorando os impactos dessas práticas na formação identitária dos alunos e na ressignificação do espaço escolar como território de memória e cultura. Em síntese, este trabalho não apenas cumpriu seus objetivos, como também abriu caminhos para uma nova forma de pensar o ensino da cultura local, mais próxima, respeitosa e integrada à realidade dos sujeitos

Referências

AREDNT, Joao Claudio. **Notas sobre o regionalismo e literatura regional:** perspectivas conceituais. Revista todas as letras. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago 2015.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, José Alonso Torrêis. **Os Saberes da literatura e a formação do leitor.** Revista Entre Letras, n.1, 2010.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra escrita. Campinas, São Paulo: Papilus, 1998.

SALES, André Valério. **Câmara Cascudo**: o que é folclore, lenda, mito e a presença lendária dos holandeses no Brasil. João Pessoa: EdUFPB, 2007.

VITELLI, Márcio. **Lendas Visagens de Soure**. Belém, PA, Editora Dalcídio Jurandir, 2023.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

AS AUTORAS:

Sthefany Kyara Figueiredo Carvalho - graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, atuou como bolsista no projeto de extensão Proexia Marajó, denominado “Educa Soure”, desenvolvendo atividades voltadas à valorização da cultura marajoara, povos étnico-raciais e indígenas. Possui experiência em práticas educativas de Língua Portuguesa e Matemática, com foco em abordagens culturais e inclusivas. Dedica-se também ao voluntariado no projeto social Brinquedoteca, oferecendo apoio pedagógico e recreativo a crianças em situação de vulnerabilidade social.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3170-1588>
sthefanykyara2020@gmail.com

Wanessa Silva Gomes é licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Desenvolveu pesquisa sobre oralidade e cultura marajoara em projeto de extensão acadêmico, resultando no artigo “Narrativas que nos constituem: A inserção da oralidade e saberes da cultura marajoara na formação escolar”. Participou da organização do Sarau Literário SLIM, realizado em Soure, que integrou literatura, poesia e encenações de lendas regionais, como a do Boto e da Carrocinha de Ossos.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4953-4691>
wanessasilva0602@gmail.com

Antônio Luís Parlandin dos Santos - Professor do Magistério Superior da UFPA, Doutor em Educação (UFPA); Mestre em Educação (UEPA/PUC-Rio). Graduação em Licenciatura em Pedagogia, Enfermagem e Ciências Sociais; Especialista em Docência do Ensino Superior, Metodologia da Pesquisa Científica, Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental ... Doutorando em Sociologia e Antropologia PPGSA/UFPA.

ORCID: orcid.org/0009-0000-8316-6943
luisdocencia3@gmail.com

Recebido: 13/06/2024

Aprovado: 29/08/2024